

A construção da personagem trans em “Other Women” de Casey Plett: uma análise dialógica

ARTIGO

Válber Rodrigo Ribeiro de Medeirosⁱ 

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

Orison Marden Bandeira de Melo Juniorⁱⁱ 

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

Resumo

Com o objetivo de compreender o processo de construção da personagem trans que protagoniza o conto “Other Women” (Plett, 2014), nossa pesquisa utilizou-se da teoria do romance de Bakhtin (2015) como aporte teórico. Deste modo, estabelecendo um diálogo entre forma e conteúdo, analisamos os conflitos que afligem a protagonista do conto e a linguagem utilizada para representá-los, buscando, assim, extrair o valor ideológico das escolhas lexicais feitas pela autora. Como resultado, pudemos observar que a subjetividade da personagem é constantemente ameaçada pelo discurso autoritário da cisnormatividade, que a faz buscar um ideal de feminilidade baseado na submissão, ao mesmo tempo em que a compele a performar um binarismo de gênero de forma compulsória.

Palavras-chave: Literatura Trans. Dialogismo. Cisnormatividade. Other Women. Casey Plett.

The construction of the trans character in “Other Women” by Casey Plett: a dialogic analysis

Abstract

In order to understand the construction process of the trans character who stars in the short story “Other Women” (Plett, 2014), our research used Bakhtin’s theory of the novel (2015) as a theoretical contribution. Thus, establishing a dialogue between form and content, we analyzed the conflicts that afflict the story’s protagonist and the language used to represent them, thus seeking to extract the ideological value of the lexical choices made by the author. As a result, we could observe that the subjectivity of the character is constantly threatened by the authoritarian discourse of cisnormativity, which makes her seek an ideal of femininity based on submission, at the same time that it compels her to perform a gender binarism in a compulsory way.

Keywords: Trans Literature. Dialogism. Cisnormativity. Other Women. Casey Plett.

1 Introdução

Foi apenas em 2019 que a Organização Mundial de Saúde parou de categorizar as transgeneridades como um distúrbio mental (Transgender No Longer..., 2019). Embora se espere que essa decisão possa, a longo prazo, contribuir para romper os estigmas que pairam sobre a comunidade trans ao redor do mundo, ainda existe um longo caminho a ser trilhado nesta direção.

O mais recente relatório de mapeamento dos direitos trans produzido pela *International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association* (ILGA) aponta para os recentes ataques direcionados à comunidade trans na medida em que se tem difundido uma ideologia centrada na anatomia como parâmetro regulador do gênero, encabeçada principalmente por políticos de direita e feministas radicais trans-excludentes (ILGA World, 2020). Mesmo países desenvolvidos têm apresentado retrocessos no que diz respeito à garantia de direitos básicos para pessoas trans, como é o caso dos Estados Unidos, que até o momento apresentou um crescimento de quase 300% em relação a 2022 no número de projetos de lei para restrição do acesso a procedimentos de afirmação de gênero, conforme documentam Funakoshi e Raychaudhuri (2023).

Naturalmente, muitos desses conflitos têm recebido um tratamento literário pelas mãos de autores trans. Haldeman (2018) esclarece que, durante o século XX, essas narrativas eram, em sua maioria, memórias sobre a experiência trans; no entanto, dos anos 2010 em diante, tem-se visto uma profusão de trabalhos ficcionais de autoria trans. Trazer o debate dessas obras para a academia é um desafio que precisa ser abraçado pela crítica literária.

Neste sentido, acreditamos que a teoria do romance proposta pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin (1895-1975) pode ser uma ferramenta eficaz no estudo das obras de autoria trans. Ao propor a conjugação entre conteúdo (mundo real) e forma (representação via linguagem literária) como recurso de análise, Bakhtin (2015) acaba por apontar um caminho viável para investigar como se processa, na materialidade do texto literário, a

estilização dos conflitos por quais passam as personagens – no caso deste trabalho, personagens da comunidade trans.

Com vistas à utilização de lentes bakhtinianas para analisar textos escritos por mulheres trans, selecionamos como *corpus* deste trabalho o conto “Other Women”, da canadense Casey Plett (1987-). Trata-se do texto que abre a coleção *A Safe Girl to Love*, publicada em 2014, e que conta com outras dez narrativas curtas, todas elas escritas por Plett e centradas em mulheres trans na América do Norte.

Com esse trabalho, buscamos responder à seguinte pergunta de pesquisa: Em que medida a personagem trans é construída a partir de conflitos quanto à validação da sua subjetividade? Para isso, nosso estudo tem o objetivo de compreender como se dá a construção da personagem trans no conto “Other Women” através de uma perspectiva bakhtiniana. Nossa pesquisa se justifica pela escassez de estudos no ramo da crítica literária que versem sobre a representação de mulheres trans, principalmente sob uma ótica dialógica. Destacamos também a importância de trazer para a academia brasileira a discussão sobre a obra de Casey Plett, um nome em ascensão no círculo literário *queer*.

A fim de alcançar nosso objetivo, o presente trabalho encontra-se organizado em três outras seções, além desta introdução. Na segunda delas, abordaremos os conceitos que sustentam a análise do *corpus*; na terceira, investigaremos como ocorre a construção dos conflitos que moldam a subjetividade da protagonista do conto “Other Women”; e na quarta, traremos algumas considerações finais sobre a pesquisa realizada.

2 A personagem vista por lentes bakhtinianas

Nosso ponto de partida para a análise de “Other Women” está no dialogismo proposto por Bakhtin (2015): para o autor, não existe fusão entre o mundo real e o mundo que passa por um tratamento artístico na forma de literatura; o que existe, na verdade, é um constante diálogo entre os dois, tendo na linguagem sua mediação. Assim, considerando que Plett (2014) utiliza-se do aparato linguístico para dar forma ao conteúdo

que está sendo representado, nosso objeto de estudo são as escolhas lexicais que a autora faz e que estão impregnadas de ideologia, de valor.

Concentraremos nossa pesquisa na protagonista do conto, Sophie, buscando, por meio de uma análise dialógica, elucidar como se processa a construção dessa personagem. É comum que o leitor de um texto literário devote às personagens grande parte de sua atenção, principalmente por haver, conforme argumenta Franco Junior (2009), uma ilusória semelhança entre estes operadores narrativos e as pessoas do mundo real. É preciso, no entanto, dissipar essa ilusão, haja vista que toda personagem existe apenas enquanto representação mediada por signos verbais a partir do posicionamento axiológico e do projeto estético do autor.

Bakhtin (2015), ao propor um diálogo entre forma e conteúdo, compele-nos a reconhecer a personagem como objeto cultural e artístico. Três postulados basilares sustentam esse pensamento: a) o falante e sua palavra no romance são fruto de uma representação literária e, portanto, subjazem ao projeto estético do autor; b) o falante é um agente sócio-histórico inserido em uma comunidade; logo, seu discurso é também social, antes representando um grupo do que um indivíduo; e c) o discurso do falante é sempre preenchido ideologicamente, pois a linguagem romanesca reflete uma gama de percepções de mundo. Vale salientar que, embora a teoria de Bakhtin (2015) fundamente-se no romance, podemos aplicá-la, por extensão, ao conto, gênero prosaico com o qual partilha muitas semelhanças.

Partindo dessa noção das personagens como figuras sociais, Wall (2019), a partir de uma leitura da teoria do romance de Bakhtin, enfatiza que a consciência delas “nunca é uma entidade independente em si mesma, mas, assim como as ideias vivas que as personagens encarnam, ela está em constante interação com tudo que a cerca” (Wall, 2019, p. 6-7). Daí, podemos depreender que a personagem, para Bakhtin (2015), na medida em que atua como representação de sujeitos sociais, não existe isoladamente da figura do Outro. Por esta razão, a personagem se faz conhecer não só por suas falas e ações, mas também pelas relações que estabelece com as demais personagens à sua

volta. Embora cada palavra que digam esteja carregada de ideologia¹, a assimilação seletiva que as personagens fazem do discurso do Outro resulta na fluidez de suas características.

Descartada a concepção de que a personagem é um elemento estático, Wall (2019) posiciona-a, por um lado, como ponto de convergência de diversos pontos de vista e, por outro, como ponto de emanção para outras vozes sociais. Isso ocorre pelo fato de que a personagem, ao mesmo tempo que encarna diferentes percepções de mundo, também busca significação social, permitindo uma plurivocalidade dentro do texto literário, que é um dos elementos constituintes do discurso no romance (Bakhtin, 2015).

Destarte, Bakhtin (2015) distingue dois tipos de discursos que são assimilados pelo falante do romance: o discurso internamente persuasivo e o discurso autoritário. O primeiro ocorre quando a personagem assimila a palavra do Outro de forma seletiva e criativa, mesclando o discurso alheio ao seu próprio de forma sempre plástica. Já o segundo, quando não há espaço para fusão entre a palavra de determinada autoridade e a da personagem; dessa forma, o discurso autoritário “penetra em nossa consciência verbal como uma massa compacta e indivisível, precisa ser integralmente confirmado ou integralmente refutado” (Bakhtin, 2015, p. 138).

Por fim, ressaltamos que, ao analisar um texto escrito e protagonizado por mulheres trans, o fazemos a partir de um distanciamento cultural, tendo em vista nossa posição enquanto homens cis. Se, conforme indica Bakhtin (2017), “[n]o campo da cultura, a distância é a alavanca mais poderosa da interpretação” (p. 18), esperamos que, nesse “encontro dialógico de duas culturas” (p. 19), ambas se enriqueçam mutuamente.

Diante do exposto, passemos a examinar o conto a partir das seguintes categorias de análise: a busca por pertencer a um modelo ideal de feminilidade; o receio de ter uma existência caracterizada como artificial; e o discurso autoritário da cisnormatividade na regulação dos corpos.

¹ Vale destacar que, para Bakhtin, ideologia não se relaciona à noção de falsa consciência. Para ele, ideologia diz respeito a valores, e esses valores são sempre sócio-históricos. Nesse sentido, como observa Faraco (2009), o termo “ideológico”, em Bakhtin, equivale a “axiológico”.

3 A representação da personagem trans em “Other Women”

O conto “Other Women” (Plett, 2014) é o *corpus* sobre o qual nossa análise se debruçará. A escolha por estudar a coletânea *A Safe Girl to Love*, da qual ele faz parte, deu-se pela relevância de sua autora no círculo literário trans. Essa coleção de contos foi a primeira obra publicada por Casey Plett, que, desde então, vem chamando a atenção da crítica literária pela descrição multifacetada de suas personagens trans. A seleção de “Other Women”, por sua vez, deveu-se à abundância de conflitos pelos quais a protagonista passa na tentativa de exercer sua subjetividade de maneira plena.

No conto em questão, acompanhamos Sophie, uma jovem mulher trans, de volta a Winnipeg, Canadá, para passar as festividades de fim de ano com sua mãe e amigos depois de uma temporada em Portland, Estados Unidos. Em sua terra natal, Sophie é acometida por diferentes formas de violência em razão da sua transgeneridade. Talvez a mais dolorosa delas venha de Megan, sua melhor amiga desde os tempos de escola. Depois de uma festa desastrosa, as duas iniciam uma relação sexual que termina de forma traumática para Sophie, pois Megan exige que ela performe um papel masculino que lhe traz lembranças das angústias passadas antes de transicionar. Apesar disso, Sophie encontra junto a Mark, o rapaz com quem Megan divide o apartamento, a validação que buscava através de um intrincado jogo sexual que expõe os limites e as possibilidades das dinâmicas de poder existentes na relação entre um homem cis e uma mulher trans.

Em “Other Women” ocorre, portanto, a representação literária do conflito interno por que passa Sophie na condição de uma jovem mulher trans que sente dificuldades para ter sua subjetividade feminina reconhecida. A constituição ideológica dos indivíduos é, para Bakhtin (2015), produto de uma intensa batalha entre diferentes pontos de vista que buscam sobressair um ao outro.

No conto em análise, um dos pontos de vista formadores da subjetividade de Sophie é a propagação de um modelo único do que significa ser mulher na sociedade ocidental. Tomemos como exemplo o momento em que ela visita o apartamento de Megan e Mark pela primeira vez. Megan estava alcoolizada demais para levá-la de volta para

casa, mas Sophie insiste: “Cara! Eu disse, com mais raiva do que pretendia demonstrar. Eu tenho que ir pra casa!” (Plett, 2014, p. 14)². Logo depois, à medida que começa a interagir com Mark e ele explica o que estuda no curso de engenharia civil, Sophie responde: “Eu sei o que é um engenheiro civil, eu disse. Saiu mais cruel do que eu pretendia” (Plett, 2014, p. 14)³.

Esses dois trechos materializam a forma como Plett (2014) representa a tentativa de uma mulher trans no sentido de conformar-se aos parâmetros de idealização da figura feminina, buscando, assim, a validação de sua subjetividade por meio de uma performatividade de gênero calcada na docilidade. A autora emprega o verbo “meant” (pretendia) a fim de estabelecer um contraste entre a forma como Sophie gostaria de se expressar e a forma como ela se expressa de fato, fazendo de Sophie uma personagem em conflito com as palavras que ela mesma diz. Esse conflito deriva do estigma social de que as mulheres devem se comportar de forma submissa, e não “angrily” (com raiva) ou “mean” (cruel).

Nascimento (2021) destaca a expectativa de submissão como um tipo de violência que é anterior até mesmo ao nascimento das pessoas socialmente aceitas como pertencentes ao gênero feminino. Assim, desde a identificação do feto como menina, as tecnologias de gênero impõem uma subjetividade servil e passiva como modelo de feminilidade a ser condicionado. No conto, Plett (2014) faz de Sophie uma personagem engajada na luta interna para livrar-se dos resquícios dos privilégios masculinos de que gozava antes de transicionar e que permitiriam a demonstração de uma atitude assertiva. No entanto, a fim de ser lida e aceita como mulher, ela precisaria reprimir esses privilégios e assumir uma forma mais submissa de se expressar.

Essa característica de Sophie é ainda mais acentuada pela escolha da autora de retratá-la como incapaz de defender-se por conta própria. Isso fica claro, por exemplo, quando Sophie e Megan se envolvem em um acidente de carro com um senhor de idade.

² Todas as traduções feitas no artigo são de nossa autoria. Texto original: “Dude! I said, more angrily than I meant to sound. I have to get home!”

³ Texto original: “I know what a civil engineer is, I said. It came out meaner than I meant it to”.

Não houve danos sérios e, apesar da exaltação inicial de Megan, um clima amigável se estabelece entre os envolvidos no acidente. No entanto, depois de resolverem o problema junto à seguradora, o senhor se despede das meninas referindo-se a Sophie por uma forma de tratamento masculina, fazendo-a perceber que gostaria que alguém interviesse na situação, já que ela não conseguiria corrigir o homem por conta própria, conforme explicitado no trecho a seguir:

O cara apertou nossas mãos e disse que sentia muito por ter causado problemas a um rapaz e a uma moça tão legais. Megan soltou um grunhido e não falou nada e aí ele foi embora. É mesquinho, mas eu queria que ela tivesse dito alguma coisa. Algo do tipo na verdade, nós somos duas moças legais. Nada baixo nem nada. Em vez disso ela olhou pra mim e revirou os olhos. [...] Eu não sei por que eu não consigo dizer eu mesma: Na verdade, eu não sou um rapaz. Eu fico com essa imagem terrível de parecer uma criança pequena dizendo *olha, não, eu sou uma garota viuuuu. Eu juro. Sério mesmo!* Eu queria que outra pessoa tomasse uma atitude e dissesse você tá errado, meu chapa, essa aí é uma mina, ela não é homem não e você devia fazer um exame de vista [grifo do autor] (Plett, 2014, p. 12-13)⁴.

Ao utilizar o adjetivo “petty” (mesquinho) para se referir à vontade de Sophie de ser defendida por sua amiga, Plett (2014) confere à protagonista uma camada de repressão interna à medida que ela busca convencer-se de que é errado querer ajuda. Deparando-se com sua dificuldade de enfrentar as pessoas que não a reconhecem como mulher, Sophie é descrita como possuindo receio de parecer uma “little kid” (criança pequena), o que aponta para a construção de uma personagem que ainda não se entende como um ser humano pleno.

Neste sentido, a autora justapõe a “awful image” (imagem terrível) do discurso infantilizado que se passa na cabeça de Sophie — ao se imaginar explicando que é, na verdade, uma mulher — ao discurso ousado e estereotipadamente masculino que ela projeta na pessoa que viria em seu auxílio. Por meio dessa justaposição, a autora reafirma

⁴ Texto original: “The guy shook our hands and said he was so sorry he caused such a nice guy and gal a hard day. Megan grunted and didn’t say anything and then he left. It’s petty, but I wish she had. Just said something like actually, we’re both nice gals. Nothing nasty. Instead she looked at me and rolled her eyes. [...] I don’t know why I can’t just say for myself: Actually, I’m not a guy. I get this awful image of being like a little kid saying look, no, *I’m reaaaally a girl. I promise. I super promise!* I wanted someone else to step up and say you’re wrong buddy-o, that there is a chick, she’s no man and you should get your eyes checked”.

o lugar submisso que Sophie deseja ocupar: embora se sinta culpada por não conseguir agir de maneira empoderada, ela acaba por distanciar-se de um discurso mais firme que poderia ser entendido como masculinizante.

A busca de Sophie por um modelo idealizado de feminilidade reflete a escolha de Plett (2014) de construir uma narrativa habitada por personagens que enxergam as transgeneridades como artificiais. Sobre este aspecto, Nascimento (2021, p. 102) comenta que “os corpos cis gozam de um privilégio capaz de colocá-los em uma condição natural, como sexo/gênero real, verdadeiro, na medida em que as transgeneridades são caracterizadas como uma produção artificial e falseada da realidade cisnormativa”. Neste sentido, Plett (2014), estabelecendo um diálogo com o mundo real, cerca Sophie de personagens que possuem a visão preconceituosa de que ela, enquanto mulher trans, foge ao que é natural. Por exemplo, podemos perceber que Sophie se sente compelida a expor seus seios a Megan, na tentativa de provar que seu corpo se enquadra na categoria do feminino:

Assim que a gente saiu ela disse ok, desculpa, mas eu tenho que perguntar. Eles parecem peitos de homem ou de uma garota de verdade? Eu não queria responder. Faz só um ano que eu tomo hormônios, e mesmo que eu use M, eu tenho um metro e oitenta e eles ainda parecem pequenos. Mas eles parecem peitos de menina quando você vê por baixo da roupa, então eu disse, você quer—? e ela disse sim antes de eu terminar a frase. [...] Ela balançou a cabeça aprovando. Eles são peitos de garota, ela disse (Plett, 2014, p. 11)⁵.

Quando Plett (2014) coloca nas palavras de Megan a dicotomia “man-boobs” (peitos de homem) / “real girl-looking boobs” (peitos de uma garota de verdade), a autora introduz no texto o discurso social de que existiria algo de antinatural na forma como pessoas trans vivenciam seus corpos. Para Megan, uma mulher trans que não possui seios avantajados carrega em si uma essência masculina definida por critérios meramente

⁵ Texto original: “Right before we left she said okay, sorry, I have to ask. Do they look like man-boobs or are they real girl-looking boobs? I didn’t want to answer. I’m only a year on hormones, but even though I’m a B-cup, I’m also six feet and they still seem small. They do look like girl boobs if you see them under clothing though, so I said, do you wanna—? and she said yes before I could finish. [...] She nodded in this approving way. They’re girl boobs, she said”.

anatômicos. A personagem parece se valer do discurso bioessencialista de que a anatomia é um fator primordial na definição do que é gênero.

Esse discurso também aparece de forma internalizada em Sophie, que é descrita como possuindo inseguranças da mesma natureza, questionando-se sobre o tamanho de seus seios e a forma como ela é percebida pelo olhar dos outros. Cabe ainda a Megan, enquanto mulher cis, a posição de julgar a feminilidade de Sophie. Quando examina a amiga e esboça uma reação “approving” (aprovando) o que vê, fica clara a intenção da autora de apontar o papel da cisnormatividade em ditar o que se configura ou não como sendo real em termos de gênero.

Também na intimidade, Plett (2014) oferece um tratamento estético aos conflitos internos que dificultam o reconhecimento de Sophie como mulher. Voltando de uma festa, Sophie e Megan iniciam um contato sexual que acaba por deixar Sophie em um estado de confusão consigo mesma. “Ela começou a me tocar suavemente, dois dedos deslizando pra cima e pra baixo no meu pênis atrofiado” (Plett, 2014, p. 29)⁶. O adjetivo “atrophied” (atrofiado) é uma escolha lexical repleta de valor, uma vez que expressa algo que foi impedido de se desenvolver plenamente. É curioso notar como a cisnormatividade, aqui entendida como dispositivo regulatório das práticas de gênero (Fuchs; Hining; Toneli, 2021), atua enquanto discurso autoritário para Sophie, levando-a a crer que está indo contra a natureza de seu corpo ao iniciar o tratamento hormonal. Mesmo já tendo começado sua transição depois de adulta e, portanto, depois de ter seu genital totalmente desenvolvido, ela ainda olha para si mesma como se tivesse parado um processo natural do seu corpo.

Megan, frustrada por não obter uma resposta física de Sophie na forma de uma ereção, passa a praticar felação.

Pareceu masculino e antinatural, mas meus nervos explodiram na confusão de um prazer negro e meu pinto inflou como nunca antes desde que o estrogênio entrou em meu corpo. [...] Minhas mãos se enrolaram em torno da cabeceira da cama e eu deslizei [...] de volta, de volta à masculinidade, de volta à infância, viajei anos

⁶ Texto original: “She started touching me lightly, two fingers sliding up and down my atrophied penis”.

no passado e me lembrei de Leon, vi seu corpo novamente através dos meus olhos, respirei em sua garganta e deixei quartos minguanes em suas palmas, eu grunhi e gemi através de sua voz grossa e demorada [...] (Plett, 2014, p. 30)⁷.

Embora nem todas as pessoas trans tenham uma relação de rejeição de seus genitais, é comum que a sociedade apenas considere verdadeira a transgeneridade daqueles que o fazem (Nascimento, 2021). Na citação acima, o conflito ganha forma quando Sophie tem sua excitação sexual descrita como “black pleasure” (prazer negro), como se seu corpo sucumbisse a uma via maculada e ilícita de sentir prazer. A personagem é tomada pela sensação de haver algo de “unnatural” (antinatural) na forma como seu corpo reage. Como em processo de negação do prazer físico, Sophie é transportada de volta para o período infeliz da sua vida em que estava confinada à cisgeneridade compulsória que lhe foi atribuída durante grande parte de sua vida, quando ainda adotava o nome de Leon. Nesse momento, ao se sentir masculinizada, Sophie é novamente levada a assimilar o discurso autoritário proposto pela cisnormatividade, através do qual as transgeneridades são vistas como disfarce para aquele que seria o gênero real do indivíduo.

Recusando as investidas de Megan que a fizeram se sentir invadida e forçada a performar uma masculinidade que não lhe é natural, Sophie encontra em Mark uma possibilidade de sentir-se objeto de desejo na condição de mulher. “A gente se pegou de um jeito bagunçado, molhado. Eu já tinha ficado com meninos algumas vezes antes de transicionar, mas era diferente agora. Eu tava gostando mais dessa vez, a suavidade do meu corpo se derretendo na aspereza do dele” (Plett, 2014, p. 33)⁸. Nesta citação, a autora representa o modo como Sophie, mesmo se sentindo mais atraída por mulheres do que por homens, busca em Mark um conforto para o encontro traumático que teve com Megan.

⁷ Texto original: “It felt male and unnatural but my nerves had exploded in crossed wires of black pleasure and my dick inflated like it never had since estrogen entered my body. [...] My hands curled around her bedposts and I slid [...] back, back into maleness, back into boyhood, I traveled years into the past and remembered Leon, saw his body again through my eyes, breathed in his throat and left quarter-moons in his palms, I grunted and groaned through his deep, rolling voice [...]”.

⁸ Texto original: “We made out messily, wetly. I’d made out with boys a few times before I transitioned, but it was different now. I liked this more, the smoothness of my body melted into the roughness of his”.

Esse conforto vem justamente na forma de aceitação, por parte de Sophie, do binarismo de gênero, que a possibilita estabelecer maior clareza em relação ao desempenho dos papéis masculino e feminino. Isso fica evidente na forma como Plett (2014) faz uso da dicotomia “smoothness” (suavidade) / “roughness” (aspereza), que ajuda Sophie a reconhecer-se validada a partir do momento em que os limites entre os gêneros se põem mais bem definidos e ela pode performar um modelo de feminilidade considerado mais tradicional para os padrões da sociedade ocidental.

À medida que os dois continuam a se acariciar, Sophie impede que Mark a toque dentro de sua roupa íntima. Percebendo que Mark ficou desapontado, Sophie se dá conta do poder que exerce sobre ele. Ela então passa a masturbá-lo sentindo-se em total controle da situação e afirmando que eles poderiam continuar caso Mark atenda à condição que ela impõe: “A gente vai ter que ver (carícia) o quão (pausa, carícia) homem você é, e a gente vai (carícia) ver (carícia) o que eu posso ser pra você” (Plett, 2014, p. 33-34)⁹.

Sophie usa suas palavras para enaltecer a masculinidade de Mark, associando ser homem a ser capaz de engajar no ato sexual com ela. Ela estabelece nesse jogo um sistema métrico, desafiando Mark a provar “how much of a man [he is]” (o quão homem ele é) para, a partir disso, definir “what [she] can be for [him]” (o que ela pode ser para ele). A partir dessa interação, Sophie passa a compreender que existe uma relação de poder em curso e que ela pode usar isso a seu favor, muito embora ela conduza Mark a acreditar que ele, na verdade, está no controle, já que Sophie poderá ser o que ele quiser a depender da forma como irá tratá-la.

Sophie tem plena consciência de estar dizendo coisas que não diria em outras situações: “Eu não ligava de odiar as palavras que eu tava dizendo [...]. Eu me recusava a desistir daquilo que eu achava que era meu poder e eu não me importava o que era necessário fazer pra mantê-lo. Eu queria que ele me partisse ao meio” (Plett, 2014, p.

⁹ Texto original: “We’ll just have to see (stroke) how much of a (pause, stroke) man you are, and we’ll (stroke) see (stroke) what I can be for you”.

34)¹⁰. Nessa citação, a autora aponta para uma mudança na forma de Sophie olhar para si mesma. Mesmo que haja um conflito interno que a faça odiar as palavras que diz, ela parece entender que isso faz parte da forma que escolheu performar seu gênero nesse contexto específico. A personagem encontra um poder sexual que lhe era desconhecido até então, e ela o encontra, ironicamente, quando assume o estigma de que a mulher deve posicionar-se de forma passiva dentro das relações heteronormativas.

O conto se encerra de forma a trazer ainda mais complexidade para essa dinâmica de poder. Durante o ato sexual, Sophie se dá conta do prazer que sente, até que “[...] eu comecei a ficar dolorida. Ele realmente tava indo com vontade. / Ei, devagar, eu sussurrei, e eu acho que ele realmente tentou, por um minuto ou dois, pelo menos [...]” (Plett, 2014, p. 34)¹¹. A forma como a autora compõe a trajetória de Sophie converge para o desenvolvimento de maior controle da personagem sobre seu corpo, culminando com ela obtendo, do encontro sexual com Mark, a validação de sua subjetividade transfeminina. Para isso, ela assume uma performatividade de gênero que lhe dá poder por meio da expressão de submissão, modelo tido pela sociedade ocidental como o comportamento feminino ideal.

Na esteira desse pensamento, o conto se encerra de forma abrupta e ambígua: estaria Sophie se dando conta de que a performance que adotou acaba sendo prejudicial a ela própria, já que leva Mark, enquanto homem cisgênero, a se sentir cada vez mais confortável na posição de figura dominante? Mesmo que ele procure tratar sua parceira de forma mais delicada, sua tentativa não dura muito, e o prazer dele será em breve privilegiado. Ou estaria Sophie, ao adquirir maior confiança em si mesma, apresentando-se de maneira tão sexualmente irresistível que Mark não consegue conter o desejo de possuí-la da forma mais carnal possível, assim sugerindo existir uma relação diretamente proporcional entre o bem-estar interno de Sophie e a forma como o Outro a percebe?

¹⁰ Texto original: “I didn’t care that I hated the words I was saying, and I didn’t care that I was lying and that I would never let him near my dick. I refused to give up what I thought was my power and I didn’t care what I had to do to keep it. I wanted him to split me open”.

¹¹ Texto original: “[...] I started to get sore. He was really going for it. / Hey, slower, I whispered, and I think he really tried, for a minute or two, at least”.

4 Considerações finais

Face ao nosso objetivo de examinar, por meio da teoria do romance de Bakhtin (2015), como ocorre a construção da personagem trans no conto “Other Women”, de Casey Plett, nossa análise revelou que Sophie, no início da narrativa, é caracterizada pela existência de muitas inseguranças quanto ao olhar alheio. Desta forma, ela se vê forçada a desempenhar uma performance de gênero sustentada na submissão para evitar que os outros leiam suas atitudes como masculinas. Além disso, ela espera que seu corpo receba a validação de um membro externo para então provar para si mesma que não é uma mulher artificial. Esses conflitos surgem na materialidade do texto sob a forma de palavras, orações e dicotomias carregadas de peso axiológico, assim dando forma ao conteúdo que a autora deseja representar.

Vimos, ainda, a maneira como o discurso autoritário da cisnormatividade se infiltra na consciência subjetiva de Sophie, impedindo-a de perceber que gênero é “um discurso materializado estilisticamente em performances variadas” (Nascimento, p. 142). Nos momentos finais do conto, entretanto, Sophie passa por uma mudança de atitude que sugere uma maior liberdade para expressar sua feminilidade, entendendo que diferentes contextos possibilitam diferentes formas de performar seu gênero.

Diante disso, pudemos responder à pergunta de pesquisa inicialmente traçada, afirmando que a construção literária de Sophie depende grandemente da validação da sua subjetividade enquanto mulher trans, condição que fica clara através das palavras, ações e relações da personagem. Optamos por limitar nossa pesquisa ao âmbito das interações de Sophie com Megan e Mark, a fim de melhor explorar como a construção literária dessa personagem é fortemente atravessada por questões de natureza corporal e sexual. Em

trabalhos futuros, uma visão mais ampla dos mecanismos usados por Plett (2014) para representar sua protagonista poderia ser obtida por meio da análise da relação entre Sophie e os membros de sua família, da investigação de como o discurso religioso se insere de forma autoritária no conto e do estudo de como a personagem é afetada pelo encontro com os antigos amigos da escola.

Esperamos que a pesquisa aqui apresentada contribua para o enriquecimento dos estudos bakhtinianos à medida que provamos a relevância da teoria do romance (Bakhtin, 2015) na análise da construção de uma personagem trans. Esperamos também contribuir para o estabelecimento da literatura trans como objeto de estudo da crítica literária, ajudando a dar voz a autoras como Casey Plett, ainda pouco conhecidas na academia brasileira.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: A estilística**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: EDUEM, 2009. p. 33-58.

FUCHS, Jéssica Janine Bernhardt; HINING, Ana Paula Silva; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Psicologia e cisnormatividade. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 33, abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33220944>. Acesso em: 16 jun. 2023.

FUNAKOSHI, Minami; RAYCHAUDHURI, Disha. The rise of anti-trans bills in the US. **Reuters**, [s. l.], 19 ago. 2023. Disponível em: <https://www.reuters.com/graphics/USA-HEALTHCARE/TRANS-BILLS/zgvorreyapd/>. Acesso em: 26 ago. 2023.

HALDEMAN, Peter. The Coming of Age of Transgender Literature. **New York Times**, New York, 24 out. 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/10/24/books/trans-lit-transgender-novels.html>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ILGA WOLRD. **Trans Legal Mapping Report 2019**: Recognition before the law. Geneva, 2020. Disponível em: https://ilga.org/downloads/ILGA_World_Trans_Legal_Mapping_Report_2019_EN.pdf. Acesso em 15 ago. 2023.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

PLETT, Casey. Other Women. In: NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **A Safe Girl to Love**. Topside Press: New York, 2014. p. 10-34.

TRANSGENDER no longer recognised as 'disorder' by WHO. **BBC News**, [s. l.], 29 maio 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/health-48448804>. Acesso em: 15 ago. 2023.

WALL, Anthony. Os personagens da teoria de Bakhtin. Tradução: Jorge Witt Mendonça Junior. **Odisseia**, Natal, v. 4, n. 2, p. 1-20, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/18940/12166>. Acesso em: 21 mar. 2023.

ⁱ **Válber Rodrigo Ribeiro de Medeiros**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-3203-2846>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Licenciado em Letras – Inglês (UFRN), bacharel e mestre em Engenharia Química (UFRN). Membro do grupo de pesquisa em Literaturas Africanas Queer (UFRN/CNPq).

Contribuição de autoria: curadoria de dados, administração do projeto, investigação, visualização, escrita – primeira redação.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1026423324690125>

E-mail: valber.medeiros.086@ufrn.edu.br

ⁱⁱ **Orison Marden Bandeira de Melo Junior**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7592-449X>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Mestre em Literatura e Crítica Literária (PUC-SP) e Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP), com pós-doutorado em literaturas africanas de língua inglesa *queer*. Professor de Literatura de Língua Inglesa e docente permanente do PPGEL/UFRN. Bolsista de Produtividade em Pesquisa (CNPq – Nível 2).

Contribuição de autoria: conceituação, administração do projeto, supervisão, escrita – revisão e edição.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1809881374621615>

E-mail: orison.junior@ufrn.br

Editora responsável: Genifer Andrade

Especialista *ad hoc*: Paulo Morais-Alexandre e Rosalia Duarte.

17

Como citar este artigo (ABNT):

MEDEIROS, Válber Rodrigo Ribeiro de; MELO JUNIOR, Orison Marden Bandeira de. A construção da personagem trans em “Other Women” de Casey Plett: uma análise dialógica. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 7, e15356, 2025. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/15356>

Recebido em 7 de abril de 2025.

Aceito em 13 de maio de 2025.

Publicado em 07 de outubro de 2025.